

Samuel diz que resiste a pressão

Presidente garante que a meta de reduzir o déficit é inegociável

VANNILDO MENDES
Enviado Especial

Santos — O presidente Samuel afirmou ontem que resistirá a todas as pressões, “venham de onde vierem”, para cumprir a meta, inegociável, de reduzir o déficit público a 4 por cento do PIB este ano, a 2 por cento em 89, e a zero em 90, quando entregará o cargo ao sucessor eleito. Ao discursar na solenidade de embarque da milionésima tonelada de suco de laranja a granel, da Citrosuco, nesta cidade portuária, ele voltou a afirmar que não será “o presidente da recessão e do derrotismo”.

Segundo Samuel, o Brasil tem dado mostras de sua capacidade de superação dos desafios, crescendo a taxas de 7 por cento ao ano em meio à crise. Para ele, quem prega o derrotismo, nesse momento, está prestando um desserviço à Nação. O Presidente reconheceu existirem dificuldades extraordinárias, como o gigantismo e a ineficiência do aparelho estatal, o peso do déficit público, a inflação elevada e as dívidas externa e interna, mas disse estar disposto a qualquer sacrifício para o País superar os problemas políticos, econômicos e sociais.

O Presidente deixou de lado o tom formal do discurso e impro-

visou, ao final, uma profissão de fé nos ideais de um Brasil desenvolvido e incluído entre as grandes potências, tendo a iniciativa privada como “dinamo do progresso”.

Samuel citou os êxitos da agroindústria brasileira como motivo de orgulho e exemplo da coragem e determinação do empresariado nacional em direção ao futuro. Nesse contexto, conforme frisou, “até mesmo a crise do país é singular, pois embora afete o mundo ocidental o Brasil consegue crescer a taxas significativas”.

Observou que desde 1968 o Brasil vem mantendo taxas de crescimento, anualmente, ao contrário da maioria dos países. “Só nos últimos três anos, o País cresceu 21 por cento, a safra agrícola cresceu de 50 milhões de toneladas para 67 milhões de toneladas de grãos e graças ao seu desempenho no mercado internacional, o Brasil ascendeu à condição de terceiro maior exportador do mundo, em termos de saldo na balança comercial”.

Só este ano, conforme informou o Presidente, o Brasil deverá atingir um saldo de 17 milhões de dólares na balança comercial. Disse também que a taxa de desemprego, de 3,9 por cento, é uma das menores do mundo.

Por tudo isso, para Samuel, no Brasil não há lugar para pessimismo. “Temos de ter a consciência de que estamos num país privilegiado”. O Presidente lembrou que teve de governar em ambiente de adversidade, pois foi obrigado a conviver com duas ordens institucionais: uma vigente e outra paralela, decorrente do funcionamento da Assembléia Nacional Constituinte.

O Presidente deixou claro que não hesitará em aplicar “remédios amargos” na sua meta de sanear a economia e deixou antever que poderão ocorrer medidas drásticas para conter o déficit público. Ele reclamou que, apesar dos êxitos, a máquina estatal brasileira continua sendo um fardo muito pesado. “O Brasil arcaico e cartorial precisa ser reformado. O Estado brasileiro é muito pesado e pouco eficaz”.

O Presidente foi à solenidade do cais de Santos acompanhado do governador de São Paulo, Orestes Quércia, dos ministros da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso Alves, da Ciência e Tecnologia, Ralph Biasi, do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, e dos Transportes, Reinaldo Tavares, além do líder do PTB no Senado, Gastoni Righi, cotado para substituir Almir Pazzianotto no Ministério do Trabalho.

ANGULAR



Samuel visitou em São Paulo o Memorial à América Latina